O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 37.º — Sábado, 22 de Abril de 1944 — N.º 1833

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Salazar na pasta das Finanças

A 27 de Abril de 1928, Salazar tomou conta da pasta das Finanças. A sua larga permanência na direcção superior das finanças do Estado, numa séria arrumação das contas públicas, e o equilíbrio financeiro deram em resultado vida nova, reformadora e construtiva.

Faz também um ano, no dia 27 dêste mês de Abril, que Salazar proferiu um memorável discurso evocativo do décimo quinto aniversário da sua posse, na pasta das Finanças, e passado um ano, o mesmo é dizer, a guerra continua, nesta Primavera, a imolar mais vítimas; por isso é necessário ter em atenção as palavras de bom aviso, que Salazar proferiu faz agora um ano, quando disse:

«A crise do mundo não é imagem literária; a sua gravidade e profundeza, a sua extensão, os interêsses e conceitos que estão em jôgo fazem tremer nos alicerces as nações e os impérios mais bem constituidos. Repito uma frase de há pouco — nós não estamos em luta, mas estamos na guerra, como os outros. Enquanto o Exército que fez a Revolução ocupa os postos que lhe foram indicados, a nação tem o dever de mostrar a sua unidade, fôrça e coesão, numa palavra: plena consciência nacional. Devo louvá-la por essa atitude sem prejuízo de censurar alguns portugueses que de uma ou outra forma trabalham por destruir a armadura moral do país quando se sabe ser esta um dos maiores factores da nossa defesa. Alguns alimentam a sua actividade de esperanças que ninguém lhes realizará; outros procuram justificar-se com a sua discordância da política seguida, como se, fora dos ignorantes ou irresponsáveis que não têm elementos para julgar, alguêm possa supôr que ela podia ou devia ser diferente do que até ao presente tem sido, na defesa do mais bem compreendido interêsse nacional. Sabemos que outras grandes crises europeias ameaçaram semelhantemente dividir-nos à volta de interêsses estranhos; mas agora o Govêrno não pode ser acusado nem de falta de lealdade, nem mesmo de esquecer deveres especiais de fidelidade a relações criadas por séculos de interêsses comuns; o que tem procurado ao mesmo tempo é ser digno, embora dentro daquela larga e condescendente benevolência que é a atitude dos amigos ainda quando não são mais fracos.

Que entre nós alguns estrangeiros se queixem, admite-se por mal habituados; que portugueses também nos ataquem isso só quere dizer que a sua medida de dignidade patriotica não é a nossa.

Esta, porém, tomámo-la daquêles portugueses que valiam mais do que valemos e fizeram uma História e criaram uma nação que somos obrigados, mesmo contra alguns, a respeitar e a defender.»

São estas as palavras que Salazar proferiu ao evocar o décimo quinto ano da sua posse na pasta das Finanças; são de ontem e de hoje; recordá-las, agora, no décimo sexto aniversário da investidura de Salazar na pasta das Finanças e no aniversário natalício do ilustre homem público, que passa no dia 28, é anunciar um bom aviso a todos os portugueses. E' preciso à lembrança nacional o estadista necessário, apto a compreender, estudar e resolver os problemas nacionais — SALAZAR!

P. S.

Pão de cada dia

A condição que se impõe para a eficácia de qualquer medida de emergência é, além da disciplina no cumprimento das disposições, a compreensão perfeita das causas que provocaram essa medida. E se a esta compreensão se somar, como corolário, a convicta certeza de que os efeitos benéficos suprirão os sacrifícios exigidos, não arbitràriamente, mas por imperativo de repercussões do ambiente inibitório da guerra, o qual atinge mesmo os não-beligerantes, — então, a honra de *bem cumprir* terá como complemento o proveito de ter valido a pena *cumprir bem*.

Nestas relações complexas de *causa para efeito*, devem colocar-se em paralelo, a campanha cerealífera, lançada pelo Ministério da Economia, do revestimento dos alqueives com milho de sequeiro — e o regime de racionamento em que o pão entra nêste mês, em Lisboa, Pôrto e concelhos vizinhos do tipo suburbano.

Dois elementos afins duma única política de previdência e remédio — norteia-os a necessidade de aumento de cereais panificáveis (uma vez que — palavras do sr. dr. Rafael Duque — «a guerra impediu-nos de suprir a tempo, com as importações normais de trigo e milho, o *deficit* normal da nossa produção») — e a conseqüente justiça de repartir o pão, com equïdade, (o que não significa distribuír as mesmas quantidades a todos), de modo que, para continuarmos a empregar os termos do ilustre Ministro da Economia: «o sacrifício seja de todos, regulando-se consoante as necessidades de cada um.»

Que a Campanha do Milho encontrou ambiente, mais do que compreensivo — verdadeiramente entusiástico — prova-o a colaboração viva de lavradores e Grémios de todo o país, dada ao incentivo estadoal da assistência técnica, do fornecimento de sementes e da instituïção de prémios às melhores searas, no valor global de 2.000 contos; porque o Govêrno de Salazar não usa de exigências, sem a contrapartida de estimular e facilitar o seu cumprimento a quem as compreende e acata.

O mesmo acatamento e a mesma compreensão hão-de acolher o racionamento que nêste mês começa a vigorar, a bem da justiça e dentro de restrições perfeitamente toleráveis e indiscutíveis, a não ser pelos últimos abencerragens duma malevolência que fêz época.

Além disto, a interdependência das duas medidas governamentais a que nos referimos, acha-se ainda na esperança de, em chegando as novas colheitas, poder aumentar-se a capitação, caso essas colheitas, como tudo faz prever, sejam compensadoras.

A hora estica

Mais 60 minutos devem hoje ser adiantados os relógios de modo que àmanhã os serviços públicos comecem a regular-se segundo a determinação governamental.

A postos, atentos, pois, aos ponteiros, logo, quando fôr meia noite.

Sejamos humanitários!

Subscrição aberta a favor de João Calisto, impossibilitado, por doença, de angariar o sustento para a sua família composta de mulher e oito filhos menores.

Transporte	2.037$30
Artur Trindade	25$00
D. Cecília de Matos	25$00
Soma	2.087$30

Comunicação

Recebemos a seguinte:

Tenho a honra de participar a V. que assumi a chefia da Brigada Técnica da IV Região Agrícola, com sede nesta cidade, encontrando-me no exercício das minhas funções.

Com todo o prazer coloco, desde já, todos os serviços da minha competência à disposição de V. a quem espero ficar devedor da mais valiosa contribuição para o desempenho do meu cargo.

E na certeza de que V., numa compreensão nítida da altíssima e simpática missão educativa que cabe à imprensa, como precioso instrumento de informação e de difusão de ideias, não faltará com o seu indispensável apoio à acção desta Brigada, antecipadamente aqui deixo os meus agradecimentos, formulando os melhores votos pelas prosperidades do jornal de V. e subscrevendo-me com os mais cordeais cumprimentos

A Bem da Nação

Aveiro, 14 de Abril de 1944

O Engenheiro Agrónomo Chefe da Brigada

ARMANDO DA COSTA VILAÇA

Agradecemos ao sr. eng. agrónomo Armando da Costa Vilaça a atenção com que nos distingue.

Desde sempre que a Brigada Técnica da IV Região tem encontrado no *Democrata* todo o auxílio de que carece para o desempenho da sua missão. Continuará a tê-lo. Principalmente depois dos termos cativantes dirigidos à imprensa pelo sr. Armando Vilaça, a quem cumprimentamos, desejando-lhe as máximas felicidades.

Sport Club Vianense

Dentro dum vasto programa, está decorrendo festivamente o 46.º aniversário do grémio que em Viana do Castelo marca lugar de destaque e pelo qual Aveiro nutre a maior simpatia desde a hora em que um fraternal amplexo lhe abriu a porta das suas salas.

Por isso o *Democrata* envia cumprimentos cordiais e afectuosos aos dirigentes de tão prestimosa colectividade.

Albergue da Mendicidade

A comissão promotora do baile realizado na noite de 14 no Pavilhão Municipal da Feira e que se compunha dos srs. Pinho e Freitas, Sacramento Marques, Ventura Gamelas, Edgar Teixeira Lopes e Artur Quina Domingues, entregou, no dia imediato, ao sr. capitão Firmino da Silva, a quantia de 1.122$50, destinada ao Albergue Distrital da Mendicidade e de que o digno comandante da P. S. P. foi fundador.

Louvando a iniciativa dos briosos rapazes, felicitamo-los pelo acto de benemerência praticado.

Edifício da Alfândega

Acaba de ser cedido à Mocidade Portuguesa para nêle serem instalados os Centros Especiais de Vela e Remo e outras modalidades náuticas.

A respectiva escritura vai ser lavrada por êstes dias.

I Torneio Aveirense de Xadrez

No salão nobre do *Sport Club Beira-Mar* começou a disputar-se, no passado dia 19, pelas 22 horas, o I Torneio Aveirense de Xadrez.

Esta competição vem despertando grande interêsse, quer pela novidade que constitue no nosso meio, quer pela categoria social dos concorrentes.

O torneio realiza-se em duas voltas. Para os primeiros classificados haverá duas taças.

Entre os competidores figuram os srs. general Schiapa de Azevedo, coronel Gaspar Ferreira, drs. Manuel de Vilhena, Luís Regala, Jálio Calisto, Norberto Cardigos, José Cristo, David Cristo, Armando Simões, eng. Amilcar Grijó, capitão Barreto da Cruz, tenente Campos de Almeida, Carlos Grangeon, Elias Gamelas, Albano Pereira, Raúl Soares Nobre, prof. Duarte Simão, José Amaro Lemos e Luís Pedro da Conceição.

A arbitragem foi confiada ao conhecido solucionista prof. Crisanto de Melo, e são verificadores os srs. tenente-coronel Amilcar Gamelas e tenente Aníbal Moreira.

Abundância de vinho

O ano passado houve, como se sabe, vinho em tôdas as regiões, que encheu o vazilhame e mais as dornas que tiveram de ser feitas à pressa. Pois a-pesar-disso está se a vender caro, para não dizermos caríssimo.

Quando deixará o consumidor de sofrer, se o sangram constantemente — quer haja pouco, quer haja muito daquilo de que necessita?!

Interesses da Figueira

A Comissão Municipal de Turismo abriu um concurso de artigos, entre os escritores portugueses, destinados à imprensa, e que devem obedecer às seguintes condições:

A Figueira da Foz, como praia e centro de turismo;

A Figueira da Foz, encarada como centro industrial e comercial;

Artigos sôbre as tradições históricas, usos e costumes da população citadina e concelhia;

Artigos sôbre a evolução da Figueira, como centro populacional e Colectânea de referências feitas à Figueira por escritores consagrados.

O concurso fecha no dia 1 de Maio às zero horas, havendo três prémios: de 300, 200 e 100 escudos.

Benemerência

Em sufrágio da alma do sr. Francisco Rodrigues Torneeiro, recebemos de sua família a quantia de 20$00, destinada aos pobres de *O Democrata*.

Agradecemos.

Casa do Povo de Aradas

Recebemos o Relatório e Contas da gerência do ano de 1943 por onde se verifica os benefícios que prestou no campo social sob a direcção dos srs. Mário de Matos, Manuel Pereira de Melo e Eduardo Maia Martinho, que contam ampliá-los a-pesar-de algumas *ovelhas ranhosas* fazerem marcha atrás...

Mas para a frente é que é o caminho...

Falta de espaço

Por êste motivo deixamos de inserir esta semana alguns originais em nosso poder.

Que nos desculpem os seus autores

O Teatro Aveirense

pelo dr. Alberto Souto

O fôgo foi dominado por agora, mas o rescaldo não terminou ainda.

Seria mesmo um nunca acabar, se eu quizesse referir-me aos edificantes incidentes e episódios da questão e aos tristes gestos pessoais a que deu lugar o assunto.

Encheria jornais sôbre jornais e o público arregalaria os olhos de pasmo, como eu próprio pasmei diante de certas atitudes. O que eu tinha que contar e comentar como sintomas de um estado social doentio assim revelado no nosso pequeno meio!... Seria um nunca acabar!...

A princípio, como eu já disse, ninguém queria acreditar-me. Aquilo era tudo só para melhoramentos! Eu até me rio da ingénua incredulidade de muitos dos meus conterrâneos. Tirante meia dúzia de pessoas, torno a repetir, Aveiro parecia não acreditar nas minhas palavras. Era lá possível? Isto devia ser em mim uma caturrice. Como se eu alguma vez no meu aveirismo, tivesse tido caturrices e me tivesse metido em rixas pessoais e questiúnculas de lâna caprina! Como se eu não tivesse muito mais prazer e orgulho em estudar os cacos e as pedras! Sair das pedras e dos cacos, das letras e das artes, para estes assuntos, é o meu maior sacrifício. Atacar alguém ou alguma coisa, custa-me os olhos da cara. Mas se tem de ser, é e nada me detem, nem receio os ódios nem as inimizades. Eu só ataco quando tenho de me defender ou de defender o que devo defender; quando me atacam deslealmente a minha pessoa ou as minhas ideas ou me obrigam a atirar me à cabeça do adversário para salvaguarda das ideas, dos princípios ou das coisas de minha obrigação. Fora dêstes casos, vivo alheado de tôdas as questões locais. E vieram, então, com a questão pessoal! E fizeram mais: bolsaram contra mim várias infâmias, entre elas a infâmia de que eu agia a soldo de outrem!

Qual foi a questão pessoal ou a questão de lâna caprina levantada e sustentada em Aveiro por mim? Qual a questão em que saí a campo sem ser provocado ou sem ser por imperioso dever de defesa própria ou de defesa do interêsse público e da honra da cidade? Qual a questão pública em que andei por conta doutrem?

Desafio alguém a que o diga!

Outros teem feito por Aveiro muito mais e muito melhor. Honra lhes seja! Mas pregunto: qual a questão pública em que entrei e andei a soldo de outrem? Qual aquela em quê prejudiquei ou deixei de enaltecer e defender e honrar a terra?

Teria sido a questão dos distritos e das províncias, o estudo geológico e arqueológico do distrito, o estudo da etnografia e do folclore, a propaganda da nossa paisagem e da nossa valorização turística, a questão das águas, da escola técnica, da mudança da escola de aviação? Terá sido nas grandes reüniões, excursões e assembleias em que, por dever do cargo, ou solicitado para o encargo e sem nenhuma obrigação de o assumir, tenho tantas vezes representado Aveiro?

Foi recebendo aqui os nossos hóspedes e os nossos visitantes? Foi escrevendo ou falando nesta terra ou fora dela? Foi como presidente dos Bombeiros ou foi como presidente do Senado Municipal ou foi como presidente da Junta Autónoma da Barra e Ria de Aveiro, ou foi como presidente da Associação Comercial e Industrial? Foi em Lisboa, em Viseu, em Viana do Castelo, na Figueira da Foz, na Galiza? Foi presidindo a sessões do Congresso Beirão no Bussaco e em Viseu, ou do Congresso de Prehistoria dos Centenários no Pôrto? Foi na Sociedade de Geografia? Foi nas festas centenárias de 1928? Foi nas minhas conferências públicas de arte ou investigação? Foi enaltecendo a memória dos conterrâneos ilustres que a morte nos tem levado? Ou foi orientando os cortejos locais de 1928, 1938 e 39?

Foi recebendo e guiando, através das belezas, riquezas, curiosidades e necessidades de Aveiro e seu alfoz, os intelectuais, os artistas, os escritores, os jornalistas, os ministros, os altos funcionários?

Foi quando em 1920 iniciei a grande campanha das obras da barra e a sustentei contra uma chusma de descrentes e maldizentes da própria localidade, gastando muito dinheiro do meu bolso, adoecendo e quási perdendo a vida?

Foi quando — sem uma só perseguição e sem o menor acto de rancor—ajudei a defender Aveiro na luta armada da monarquia do norte?

Foi quando ideei, fundei e ajudei a organizar e a sustentar o Banco Regional de Aveiro e a Companhia de Moagem de que os outros se apoderaram sem trabalho nem dispêndio pelo mesmo processo por que agora tentavam apoderar-se do teatro?

Foi quando estudei e preconisei o fomento das pescarias da Terra Nova

A FEIRA DE MARÇO ESTÁ NO FIM

vindo àmanhã fechá-la, com alegria, o RANCHO DE COIMBRA, que se exibirá num festival noturno

Virtualmente, a Feira já terminou; mas, de facto, é àmanhã o seu último, derradeiro dia.

Vão contentes os feirantes. Fizeram negócio e com isso a cidade rejubila porque, assim, animados, devem voltar no próximo ano.

Por iniciativa dos nossos bombeiros, realiza-se, dentro do recinto, um festival, cujo produto reverterá em benefício do seu cofre. Vem abrilhantá-lo com as suas danças e cantares, o *Rancho de Coimbra*, agrupamento folclórico que muito honra a *terra das arrufadas* e que Aveiro vai ter nova oportunidade de apreciar e aplaudir, como merece. Chega essa embaixada àmanhã, no combóio das 12 horas e nós saudamo-la desde já. E' que o *Rancho de Coimbra*, com as suas tradicionais canções, o donaire, o sorriso e a voz das suas raparigas, qual rouxinol nos salgueirais do Mondego em noites de luar, fala-nos ao coração. A êste coração que ainda não envelheceu e conserva enraizado o mais puro afecto por tudo quanto encerra o livro das suas recordações...

Vinde. E

Cantai as vossas cantigas
Raparigas,
Que a cantar mais lindas sois;
Dizei-as aos namorados
E casados,
Aos vossos filhos, depois...

Para completar o programa, depois da exibição do Rancho, a Banda dos Bombeiros Guilherme G. Fernandes dará um concerto no mesmo recinto.

* * *

Para hoje à noite está anunciado um baile no Pavilhão Municipal, cujo produto reverte também a favor dos nossos *soldados do fogo*.

E' promovido por uma comissão de senhoras e será abrilhantado pelo *Vista-Alegre Jazz*.

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

Da Criança

Um problema, sempre me preocupou, desde que me propuz estudar a criança. E' êle o seu desenvolvimento físico e moral.

A mulher, antes de ser mãe devia estudar pormenorizadamente o seu papel, pois dêle espera a futura sociedade.

Uma coisa que me comove é o desinteresse que certas mães mostram pelos filhos, principalmente dos 3 aos 8 anos. Muitas vezes nas casas onde há crianças destas idades só se ouvem frases assim:

—Está quieto; não mexas em nada; olha o papão; senta-te quietinho, etc., etc.

Ora a criança sàdia, é por sua natureza, irrequieta, sente necessidade em expandir os seus movimentos, em dilatar os seus pensamentos e pô-los em prática, em trabalhar, em se distrair.

Se a obrigam a ficar parada entristece e adoece. Outras vezes, para se verem livres, até por necessidade, as mães metem os filhos o dia inteiro num colégio, *só para os ter sujeitos* e mesmo depois, em casa, os querem sossegados.

Acontece que a criança pouco a pouco se vai habituando a essa falta de movimento. Aos 7 ou 8 anos entra numa escola onde é obrigada a concentrar os seus sentidos nos estudos, embora muito elementares, para ela bastante complicados, e gostando de aprender, acaba por perder completamente a vontade de brincar. Mais tarde, são uns indolentes, física e moralmente atrofiados.

Deixe-se a criança brincar; dêem-se-lhe papeis, trapos, paus e pedras para que se distráia, com a devida recomendação de não causar prejuízo. Brincando vai desenvolvendo o seu cérebro, porque tem a tendência para copiar do natural ou inventar.

Uma menina, gosta de pegar numa tesoura e talhar roupa para a boneca. E' perigoso, concordo. Mas, para as mais crescidinhas arranje-se-lhe uma sem pontas, ou melhor, com os bicos largos e redondos. Assim vai tomando gôsto pelos trapos; mais tarde querê cozê los e pode aperfeiçoar-se na costura. A mãe deve colaborar com ela, cortar-lhe os moldes de papel que ela fará em pano, e guiá-la desde os primeiros passos.

Um menino com uma cana faz um pôrco, um moínho ou uma gaita. Pois bem: anime-se, diga-se-lhe que está bom e êle fará melhor, até atingir a perfeição que puder.

As crianças devem correr, brincar, saltar. E' um óptimo exercício de ginástica. Devem gritar, principalmente no campo ou jardins, para que o ar lhes penetre nos pulmões e lhos lave.

Evite-se que batam nos companheiros, que insultem ou sejam pouco amáveis. A bôa educação recebe-se na infância.

Afastem-se das más companhias, dê-se-lhes o bom exemplo e elas serão, de futuro, bôas pessoas. Combatam-se-lhes as más tendências, mostre-se lhes o que de belo há na natureza e elas saberão depois apreciar a arte.

Finalmente: a criança necessita de um pouco de liberdade, embora vigiada e muita, muita alegria.

Fazer sofrer um pequenito, era entre os egípcios um crime, e entre nós, também deve ser.

---

e das nossas indústrias marítimas e da piscicultura das águas da Ria?

Quando, em tempos já longínquos, justifiquei e pedi para Aveiro uma estação agrária e uma estação zootécnica, uma rêde telefónica, um liceu central, um sistema melhorado de viação, um rebocador para a barra, uma escola de pesca?

Foi quando defendi o nosso património artístico de tôdas as distracções e extorsões?

Foi quando nesta cidade sempre tentei acalmar as dissenções e harmonizar os aveirenses, unindo-os à volta do bem comum?

Foi quando falando, escrevendo, estudando ou agindo, auxiliei tudo e todos os que teem trabalhado para defender, aumentar, honrar e prestigiar esta cidade e o seu distrito e Portugal e os portugueses?

Os tartamudos vieram mofar dos meus *«discursos»* e da minha *«literatura»*.

Pois não haviam de mofar da minha modesta palavra os tartamudos que são incapazes de erguer a voz perante um auditório e que tantas vezes, eles mesmos, aproveitaram da minha pobre palavra?

Mofaram agora dos modestos recursos oratórios que eu sempre puz ao serviço do bom nome desta cidade e, contudo, eram êles mesmos quem há cinco anos me erguiam nas palminhas a verem se eu caía em ser aqui o presidente de um Club de Rotários... de que eles seriam os sócios!

Desculpem-me os leitores estes desabafos, mas ferido e ofendido como fui, e gravemente, no cumprimento do meu dever, tenho, até, de falar de mim!

E' que alguns dêsses foram por mim educados para serem cidadãos dignos de uma terra e de uma pátria dignas e agora, pretendiam calar-me com doestos e desfeitear-me com apupos, quando eu defendia o património público, a tradição honrosa e a dignidade da terra-mãi que lhes tenho ensinado a amar!

Felizmente que há aveirenses em Aveiro e que, contra a tentativa do distendimento dos tentáculos de uma plutocraciasinha que começava a enredar e a desorientar o civismo local, se operou em muitos espíritos uma salutar reacção!

Mocidade Portuguesa

Para inauguração das suas novas instalações vão realizar-se festas nesta cidade, que terão lugar nos dias 29 e 30 do corrente e constam do seguinte programa:

DIA 29

A's 11 horas — Competição náutica entre os Centros de Vela de Aveiro e Murtosa, junto às Pirâmides.

A's 16 horas — Recepção a sua Ex.ª o Comissário Nacional, que a convite do sub-delegado regional, sr. dr. José Gomes Bento, honra as festas com a sua presença.

A's 16,30 — Visita às novas instalações dos Centros de Vela e Remo;

A's 17 — Passeio pela Ria e visita à Base de Aviação de S. Jacinto;

A's 21,30 — Sarau no Teatro Aveirense, constando de uma conferência pelo sr. director dos Serviços de E. F. e Desportos, cap. Marques Pereira, um pequeno acto de variedades e exibição de filmes gentilmente cedidos pelo S. P. N.

As entradas serão gratuitas e por convites.

DIA 30

A's 10,30 horas — Desfile dos filiados desde o Parque até à Casa da M. P.

A's 11 — Inauguração da Casa da M. P. A seguir, o Reverendíssimo Arcebispo-Bispo de Aveiro procederá à cerimónia da Bênção da casa. Descerramento dos retratos de Carmona e Salazar.

A's 12,30 — Almôço de homenagem a Sua Ex.ª o Comissário Nacional oferecido delos Dirigentes da Ala, no Arcada.

A's 14 — Desfile dos filiados desde o Asilo até ao Estádio Municipal.

A's 14,30 — Grande festa gimno-desportiva, constando de saudação ao elemento oficial, duas lições de ginástica, apresentação da Milícia, síntese das actividades de sábado e desfile de todos os filiados, cantando.

As entradas para esta festa são gratuitas e livres.

* * *

A Casa da Mocidade será visitada pelos jornalistas locais no dia 27, às 17,30 horas, sendo lhes oferecido pelo sr. Sub-Delegado Regional e pela Direcção um Porto de Honra.

Carta de Lisboa

Presidente da República

A passagem do 16.º aniversário da primeira posse do sr. General Carmona da suprema magistratura da nação, constituiu mais um admirável pretexto para que todo o país afirmasse a sua muita consideração, a sua imensa veneração pela figura a todos os títulos eminente do Chefe do Estado. A maneira como tôda a imprensa se referiu à pessoa do sr. General Carmona, evidencia bem clara e expressivamente o que é o aprêço em que todos têm o homem que à custa dos maiores e mais duros sacrifícios há sabido com grande patriotismo e singular dedicação por Portugal, segurar em suas mãos firmes as rédeas da governação pública do mais alto e difícil pôsto da mesma.

Os serviços que a nação deve ao sr. General Carmona são dos que não é possível enumerar num simples e rápido artigo de jornal. Basta, porém, que nos lembremos que sem Carmona a obra de Salazar jàmais teria sido possível. E que sem a acção de ambos, o Renascimento Nacional mais não seria, certamente, que um veemente desejo.

Amizade peninsular

A comparticipação de Portugal na Feira de Sevilha por iniciativa benemérita do S. P. N., veio ser mais uma grande e admirável afirmação do valor da amizade peninsular, da íntima e estreita solidariedade que une Portugal e Espanha.

Depois da visita a Lisboa dos estudantes de Direito de Madrid, depois da vinda até nós da Orquestra Filarmónica, a ida da nossa representação à feira andaluza, serviu para mais uma vez ainda acentuar o que é o permanente e verdadeiramente benemérito entendimento em que vivem os dois povos peninsulares.

Numa hora em que o novo Mundo se talha a golpes de ódio e malquerença, êste exemplo de Portugal e Espanha é daquêles em que todos muito têm de aprender, como afirmação segura e inequívoca de que na paz e no entendimento mutuo, também os povos podem viver e construir a sua personalidade.

CORDEIRO GOMES

Incêndio numa chaminé

A parte central do bairro piscatório alvoroçou-se ontem de manhã, à hora do maior movimento, por se ter declarado fogo na chaminé do prédio habitado pelo sr. António Neves.

Quando os bombeiros chegaram já os populares o tinham apagado.

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 19, o sr. António Osório, comerciante local e ante-ontem, o sr. José Rodrigues Madail, funcionário da Direcção dos Serviços Pecuários; hoje, fá-los, a interessante Maria Luisa de Rezende Godinho, filha do sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gândara (O. de Azemeis); no dia 25, a sr.ª D. Palmira de Morais Sarmento Lima, residente em Lisboa; em 27, o nosso presado amigo dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico também com residência na capital, e em 28, o menino Humbertino de Sousa Pereira, filho do sr. Joaquim Pereira, industrial em Braga.

Casamentos

Foi no domingo pedida para o sr. António Teixeira Veludo, quartanista de Direito da Universidade de Coimbra, a mão da sr.ª D. Maria Isabeth da Cruz Marques, gentil professora em Ilhavo e filha do sr. capitão Casimiro Marques e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Cruz Marques.

A cerimónia realiza-se no próximo verão.

—Pelo sr. António Gaspar da Costa, proprietário de Requeixo, foi pedida, igualmente, para seu filho o sr. dr. João Costa, licenciado em Letras, a sr.ª dr.ª D. Maria Arminda do Amaral Aguiar, estremosa filha do nosso amigo António Aguiar, digno oficial do Govêrno Civil.

O enlace deve efectuar-se brevemente.

Partidas e Chegadas

Em missão oficial segue no Carvalho Araújo, *que hoje sái a barra de Lisboa, com destino aos Açores, o nosso conterrâneo e amigo eng. Mateus de Lima, que aqui exerce as funções de adjunto da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.*

Mateus de Lima, a quem felicitamos pelo honroso convite com que foi distinguido, teve, no sábado, na gare do caminho de ferro, uma afectuosa despedida por parte daquêles que tiveram conhecimento da sua partida.

O Democrata *deseja-lhe óptima viagem e os maiores triunfos na sua carreira.*

—Prestes a terminar a sua licença, deixou ontem Aveiro o sr. tenente José Barata F. de Lima, comandante da Secção da Guarda Fiscal de Mourão (Alentejo).

Doentes

Voltaram a agravar-se os padecimentos do distinto advogado aveirense sr. dr. Jaime Duarte Silva, cujo estado inspira agora os maiores cuidados.

A' cabeceira do enfêrmo esteve, na quarta-feira, o esclarecido clínico de Agueda, sr. dr. António Brêda, que o observou com a máxima atenção.

Continuamos a fazer os mais sinceros votos pelas suas melhoras.

—Também se encontra de cama, bastante doente, a esposa do sr. Aurélio Martins Campos, o que sentimos.

—Adoeceu igualmente o sr. dr. António Cristo, advogado na comarca e deputado da nação.

Estimamos o seu restabelecimento.

Correspondências

Esgueira, 20

O tempo tem corrido maravilhoso para a agricultura.

Oxalá continue, para vêr se atenua a escassês de certos produtos que nascem da terra.

—O grupo de *basket* da Casa do Povo desloca-se domingo a Sangalhos, a-fim de efectuar ali um encontro com o *team* da terra.

—Depois de algum tempo de ausência voltámos a abraçar o nosso amigo Luís da Costa Ferreira, que anda a bordo do *Colonial.*

—Também aqui cumprimentámos os nossos conterrâneos Manuel da Cunha Feio, aspirante de Finanças em Vouzela, José Tavares da Silva e José Marques da Loura, residentes na capital.

—A Junta de Freguesia mandou proceder à limpesa de algumas ruas pelo que é digna de louvor.

E quando se procederá ao concêrto da *Fonte da Biquinha?*

—Completa hoje 13 primaveras a interessante Maria Manuela de Oliveira Reis, filha de António dos Reis, industrial de panificação.

Parabens.

C.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

A' MARGEM DA GUERRA

JUNTO DAS RUÍNAS DE APARELHOS INIMIGOS, NUM AERODROMO ITALIANO, APARELHOS ANGLO-AMERICANOS ESTÃO A POSTOS PARA PARTIR

Declaração

Manuel de Oliveira, carpinteiro, domiciliado na Costa do Valado, freguesia de Oliveirinha, concelho de Aveiro, torna público que se não responsabilisa por quaisquer dívidas que, sem autorisação escrita sua, contraia sua mulher Casimira da Glória da Conceição, acidentalmente moradora na freguesia de Quintela de Queirão, concelho de Vouzela.

Costa do Valado, 15 de Abril de 1944.

LIVROS

"Princípio e Intermédio,,

por VAZ CRAVEIRO

Numa sóbria e elegante brochura do *Editorial «NÓS»*, Vaz Craveiro que se afirmou como um dos melhores poetas da moderna geração, deu-nos agora um curioso volume que tem por título *Princípio e Intermédio*.

Mais uma vez a sua lira de inspiração ardente nos convence que atingiu o apogeu: e, nem por servir uma inteligência penetrante e aguda ao serviço duma cultura verdadeiramente superior, esta lira deixa de ter a frescura e emotividade dos novos, desferindo acordes cada vez mais belos.

São belos versos, na verdade, os dêste grande poeta. Seria curioso estudar-se até que ponto a profissão de médico modelaria a inquietação da sua alma, êsse complexo comportamento de rara e estranha sensibilidade que se descobre nos versos dos seus últimos livros, isto é: depois de que exerce a profissão. O profundo sentimento de humanidade dos seus versos, terá resultado do contacto diário com a dôr dos seus doentes? Não será a gama do sofrimento alheio, com as suas misérias e horrores, o grito crucial que se encontra nos versos magníficos das páginas *Os Loucos?* O velho, o rei, o soldado, o palhaço, que transmutação da vida representam?

Poesia séria dum verdadeiro intelectual tem, numa aparente simplicidade de técnica, penetração psicológica raríssima de encontrar noutros poetas. Este seu último livro resulta duma maturação filosófica cuja expressão se evidência em *Eu ando nisto, Que vale a inquietação, Vestido Novo, A grande esmola*, só para falar nêstes sonetos da primeira parte; pôsto que não seja o soneto a preferência *formal* do A., os que constituem o *Princípio* bastam para afirmar um verdadeiro poeta e um refinado artista, burilando os temas com mestria.

Mulher, prova bem o que se diz; e, *Duas almas...* é do melhor que se pode exigir.

Ao contrário do seu penúltimo livro *De Mim, da Terra e do Mar* (1941) onde não há continuídade dos temas, (mais parecendo tratar-se duma antologia onde o A. quiz demonstrar a sua capacidade, dando-nos versos distanciados uns dos outros quási vinte anos!), *Princípio e Intermédio* mostra-nos cronológicamente a continuidade duma etapa de formação espiritual que vai alcandorar-se no magnífico soneto *Da treva à luz*. O poeta deixa a alma lacerada nos espinhos do caminho? Deixa, e sinceramente se confessa:

> *Não mais os passos meus rumo na lama,*
> *Que nova reza aos lábios me aflora;*
>
> *Ai como se fez mel o que era agre!...*
> *O' voz que nos meus versos por mim chama:*
> *— Ao Senhor agradece êste milagre!*

Sem alma, é outra confissão de sofrimento íntimo:

> *Ando sem alma — que vazio trago!...*

Na segunda parte, *Intermédio*, Vaz Craveiro é êle próprio. Motivos tratados no formal da sua preferência, à sua leitura ocorrem-nos, logo, os versos do *De Mim*. Diferente de tudo e de todos, êste poeta demonstra uma superioridade de técnica e um processo tão pessoal que se torna inconfundível.

Domina o leitor e acorda no crítico deleite difícil de encontrar. Lemos, relemos e sentimo-nos levados com êle muito acima do lodaçal desta rotina diária. No *Divaga* enternece e comove:

> *Poste Mãi; ventre fecundo,*
> *Deste-me os filhos — Senhor!...*
> *Na hora de os pôr ao mundo*
> *Santificaste o Amor!*
>
> *Seja a graça desta vida*
> *Deixarmos quem deixe mais...*
> *Exemplo que Deus valida:*
> *— Filhos ontem... hoje pais!...*

Pezadelo choca pela sinceridade imanente;

> *Vida!*
> *— enfia me o teu braço de tumulto,*
> *Nivela-me aos de mais...*
> *Que importa a noite de insónia,*
> *A cara com mais gelhas,*
> *O branquear dos cabelos,*
> *Os nervos froixos,*
> *O quanto a alma cala ou quanto diz?*
>
> *— O que vale é o riso onde me oculto*
> *E, enquanto rio... julgo-me feliz...*
>
> *— Que o riso seja a sombra do meu vulto... (1943)*

Quem não teve de pôr na cara aquela máscara de que fala o poeta? Quem não sentiu dentro de si aquêle riso feito de troça?

> *Vultos na Dôr embrulhados*
> *Com tais gestos,*
> *Que as atitudes expressas*
> *Não chegam a definir-se...*
>
> *Sinto-as (num ver às avessas)*
> *De lá p'ra cá,*
> *Com voz... a diluir-se...*

Confissão seria um motivo que todos nós desejaríamos escrever. Todos tivemos aquêle bornal de peregrino, a mocidade «estuante de alegria», e «a quimérica ilusão dos verdes anos». Quem se não riu dos outros no tempo em que «a carne triunfava»? Quem não «se perdeu no labirinto sem chegar a ver o Fim»?

> *E o terramoto interior*
> *Deixou-me a alma a soluçar comigo...*
>
> *Não sei se foi melhor se foi pior*
> *Ter-me perdido — afinal,*
> *(Se me debruço ao postigo) —*
> *Sei entender que a Dor abriu meus olhos*
>
> *A' Vida de cada qual... (1943).*

Nesta realidade subjectiva não haverá a objectivação profissional?

O livro de Vaz Craveiro, por sério e interrogativo, leva-nos com êle a uma permanente interrogação. *Onde é a Verdade* com a citação do Eclesiastes, é, quanto a nós, a prova do que deixamos dito.

Aquêle seu *Outro Desejo* onde afloram reminescências panteístas do *Da Terra*, é, pela linguagem, rima e motivo uma das melhores poesias do seu livro:

> *Se eu pudera*
> *Ser como tu — ledo zagal! — cantar*
> *Cantar e como tu sentir*
> *A expressão emocional*
> *Da primavera que volve!...*
>
> *. . . . .*
> *Errar p'lo campo em flor,*
> *Sentir a Terra a arfar na minha carne*
> *E beber a essência ao humos criador?!...*
>
> *Fixá-la ressumando,*
> *Enquanto o Tempo foge*
> *— Ontem, como hoje!...*
>
> *. . . . .*
> *Bebê-la:*
> *E tôda a melodia expressa*
> *(Que no perfume opera do fundo das idades)*
> *A tua voz dos caules — Primavera! —*
> *O teu volver oriundo*
> *Dos princípios da Treva à gênese do Mundo*
> *Ser em mim!*
>
> *Ficar, sentir e ser com ela até ao fim!*
>
> *. . . . .*
> *Ouvir o latejar essencial*
> *E o próprio movimento germinando!...*
>
> *Na tua fuga astral,*
> *— O' alma:*
> *O que dirias tu ao pensamento?*
> *Que revelava o teu sentir falando?*

Nada mais complexo do que tentar a sondagem dos estados anímicos dos poetas desta envergadura. E' por vezes dificílimo encontrar-lhes a coerência, tão bruscamente saltam dum panteísmo superior ao contemplativismo cristão. Mas compreendemos e aceitamos no livro actual *Outro Desejo* (1942) como próximo representativo (aqui é posterior) do mesmo estado que fez sentir e escrever todo aquêle *edílio* (como tão bem notou o Dr. Costa Pimpão) *Da Terra e do Mar...*

Do mesmo edílio, mas já com a marca do *drama*, são: *Certo luar* e *Soldados* e *Um velho como tantos*. O drama está na solidária revolta que se exprime, ali, contra o presente social e contra a guerra que vai no mundo:

> *. . . . .*
> *— O herói,*
> *Inda agora não ousa preguntar:*
> *— Onde estão essas vidas que salvou,*
> *Que à fome e ao frio o deixam acabar?*
>
> *Calado doi-lhe a alma, — sim, que a alma doi!... (1943)*

Ou então,

> *. . . . .*
> *O' soldado que vais*
> *A combater*
> *Para vencer ou morrer;*
> *— Tu sabes que vais matar?*
>
> *. . . . .*
> *Quem vai arar o campo das batalhas?*
>
> *O' ferro do arado, ara com geito,*
> *Deixa sonhar os mortos no seu leito!...*
>
> *. . . . .*
> *Se o sangue derramado foi por bem,*
> *Vem-no ensinar, na tua voz, Senhor!...*
>
> *Porque andam homens (mísera alcateia!...)*
> *Tornados lobos ou talvez pior?*

Lemos e relemos, e esta afirmativa nos acode aos lábios: — que prazer e elevação nos dá a leitura dêstes versos!

Quem, como Vaz Craveiro, sabe interpretar e dizer o que se leu; quem, como êle compõe *O Segrêdo da A'gua* e fecha um livro com *A triste canção do tédio*, pode orgulhar-se de ser poeta e ser artista.

Convence e domina. Se é o interprete de interrogações e dramas que nos amarguram, é, sôbre nós, o esteta que os sabe descrever em versos magníficos. Sofre a tortura da criação dos seus motivos? Talvez; mas deixará na Antologia dos Poetas do seu tempo um lugar inconfundível.

A. V.

Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convido os sócios da Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.ª a reünirem em Assembleia Geral extraordinária no dia 27 de Maio do corrente ano, pelas 15 horas, na sede da Emprêsa, ao Largo Luís Cipriano, desta cidade de Aveiro, para deliberarem sôbre a elevação do capital social por encorporação dos fundos de reserva ao abrigo do que dispõe o Decreto-lei n.º 33.128, de 12 de Outubro de 1943.

Aveiro, 17 de Abril de 1944.

O Gerente-Delegado

a) *Egas Salgueiro*

Agradecimento

A família de Henrique Pereira Campos, vem por êste meio patentear a sua gratidão a tôdas as pessoas que se incorporaram no funeral do extinto e ao mesmo tempo agradecer a quantas enviaram pêsames e não foi possível decifrar as respectivas direcções, por estarem ilegíveis.

Aveiro, 19 de Abril de 1944

Agradecimento

A família do falecido Francisco Rodrigues Torneeiro, reformado da P. S. P., vem por êste meio manifestar a sua gratidão às pessoas que durante a doença que o vitimou, se interessaram pelo seu estado, e depois o acompanharam à última morada.

Aveiro, 19 de Abril de 1944

Agradecimento

A família da falecida Maria Pereira da Silva, reconhecida às pessoas que acompanharam a extinta à última morada, vem por êste meio agradecer-lhes a deferência e bem assim às que durante a doença se interessaram pelo seu estado.

A todos se confessa penhorada.

Aveiro, 19 de Abril de 1944

«O Democrata»

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense,* Rua dos Mercadores.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
6,54 (tram.)	11,15 (»)
12,05 (tram.)	15,41 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	19,34 (rápido)[1]
17,24 (tram.)	21,52 (recov.)
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. às 21,07 que não segue.

(1) Às terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças e sextas-feiras.
(2) Só até à Sernada.

Visitai o Parque da Cidade